

PATRIMÔNIO CULTURAL: UMA EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA DE APRENDIZADO VIVENCIAL

Michele M. Prado – micheleprado@uol.com.br

UNIVIX- Faculdade Brasileira, Coordenação de Arquitetura e Urbanismo

Rua José Alves, 301 – Goiabeiras

CEP: 29075-080 – Vitória – Espírito Santo

Viviane L. Pimentel – pimentel.v@uol.com.br

***Resumo:** A inclusão da disciplina ‘Patrimônio Histórico’ no currículo do curso de Arquitetura, nos anos 1980 reflete a crescente preocupação da sociedade diante da destruição do patrimônio memorial no Brasil. No currículo da UNIVIX, a matéria relativa ao patrimônio cultural é abordada em dois períodos subseqüentes: no primeiro o aluno tem contato com conceitos gerais sobre a preservação do patrimônio cultural e de seus valores; no segundo consolidam-se os conhecimentos apreendidos mediante a elaboração de um projeto de intervenção no objeto arquitetônico. Em ambos estabeleceu-se uma metodologia para a disciplina através da qual o aluno interage intimamente com a história da cidade vivenciando o lugar onde essa se desenrolou, conciliando teoria, atividades práticas e lúdicas, e fortalecendo a relação de identidade aluno-cidade.*

***Palavras-chave:** Aprendizado vivencial, Experimentações metodológicas, Preservação, Metodologia de ensino.*

1 INTRODUÇÃO

A inclusão da disciplina ‘Patrimônio Histórico’ no currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo, na década de 1980, reflete a transformação do olhar da sociedade sobre a memória edificada no Brasil. Em conformidade com as recomendações constantes nos Compromissos de Brasília e de Salvador, documentos gerados pelos dois Encontros de Governadores realizados no Brasil na década de 1970, as medidas para consolidação de uma política patrimonial perpassam pelo aprendizado específico das relações do futuro profissional arquiteto com o objeto memorial arquitetônico visando remediar, naquele momento, a carência da mão-de-obra especializada nesse campo.

Embora integrando o currículo pleno dos cursos de Arquitetura, a oferta da disciplina como matéria optativa, atitude então adotada pela grande maioria das instituições de ensino superior, demonstrou o papel secundário a ela destinado durante certo tempo. Apenas na década de 1990 a disciplina assume o caráter de matéria obrigatória, acompanhando a crescente preocupação da sociedade diante da sistemática destruição do patrimônio memorial gerada pelas implicações negativas do intenso desenvolvimento das cidades. Considerada a relativa juventude da disciplina no currículo dos cursos de Arquitetura, faz-se notar que o

debate acerca dos métodos e meios de apresentar e introduzir os alunos no universo do conhecimento da preservação do patrimônio é ainda bastante incipiente, estando frequentemente ausente da programação dos congressos e seminários nacionais na área de Conservação e Restauração do Patrimônio Histórico. Portanto, na discussão do ensino da Arquitetura, o estabelecimento de metodologias de ensino-aprendizagem voltadas para esse campo encontra-se em bases bastante empíricas.

Ainda que pese a escassez de referencial sobre experiências metodológicas específicas do campo da preservação do patrimônio arquitetônico, no currículo pleno da UNIVIX – Faculdade Brasileira, instituição de ensino superior situada em Vitória (ES), a matéria relativa ao patrimônio cultural edificado é abordada como disciplina obrigatória sob a denominação de “Técnicas Retrospectivas”, em dois períodos subseqüentes, pressupondo dois momentos: no primeiro semestre se estabelece o contato do aluno com conceitos gerais sobre patrimônio cultural e a preservação de seus valores; no segundo semestre consolidam-se os conhecimentos apreendidos mediante a elaboração de um projeto de intervenção no objeto arquitetônico. Em ambos, o eixo central pelo qual percorre todo o processo de aprendizagem é a busca da interação do aluno com a realidade histórica e social da cidade em que vive, estimulando-o a reconhecer seus atributos históricos e correlacioná-los com os conteúdos teóricos disciplinares adquiridos na sala de aula.

O patrimônio arquitetônico e urbanístico de uma cidade pode ser considerado um desses atributos histórico-sociais, sendo um dos principais instrumentos para o estudo da evolução urbana, uma vez que estimula o reconhecimento de fatos e referências do passado e sua contraposição com o presente, numa constante releitura das transformações sofridas – sejam elas de natureza física, econômica, cotidiana – as quais resultaram na conformação do espaço e contexto atuais. Essa noção já foi anteriormente enunciada por Aldo Rossi, o qual expôs que a cidade é composta por um conjunto de fatos construídos que permite estudá-la a partir de sua própria estrutura espacial. Esse autor afirma que existe um método histórico de compreensão do processo urbano que parte do pressuposto que a cidade nasce de diversos momentos de formação, os quais tomam características particulares em função das “forças” que se aplicam a mesma (ROSSI, 1998). De acordo com tal idéia, a construção da cidade deixa de ser unicamente uma resposta a necessidades e agrega também os valores da sociedade.

Sem dúvida a arquitetura e o traçado são um registro físico da linguagem não verbal da cidade, e portadores de significados que designam e dão concretude à urbe. Se essa, assim como um texto, expressa idéias, fatos e intenções, é possível não só apreender suas formas e aspectos simbólicos, mas também descobrir as formas de pensamento que ali estão representadas, marcadas sobre seus muros, e as quais são importantes para a valoração da identidade cultural de seu povo. A percepção e descoberta dessas formas de pensamentos e valores memoriais atribuídos à forma física da cidade é, em última instância, o objeto central da disciplina Técnicas Retrospectivas da UNIVIX.

2 METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM TÉCNICAS RETROSPECTIVAS

No primeiro semestre do ano letivo, a disciplina Técnicas Retrospectivas I tem como objetivos gerais apresentar aos alunos conceitos básicos relativos ao Patrimônio Cultural; o desenvolvimento da política de preservação dos bens culturais, especialmente no Brasil; bem como o conhecimento dos instrumentos legais de preservação, analisando exemplos de intervenções em monumentos isolados e conjuntos urbanos do acervo patrimonial do local e nacional. Como objetivos específicos, visa proporcionar aos estudantes a fundamentação teórica sobre a preservação e restauração, incentivando o desenvolvimento de uma visão

crítica dos processos de intervenção e ainda promover o conhecimento do acervo patrimonial do estado do Espírito Santo. Isto é, tendo como premissa o fato de que o conhecimento da história dos espaços que conformam a cidade constitui instrumento fundamental para sua defesa e preservação, os procedimentos metodológicos buscam fortalecer, junto aos estudantes, os valores de memória e identidade cultural, destacando a importância da atuação do indivíduo arquiteto/cidadão no processo de preservação destes bens, entendendo que isso só é possível através da sua contínua vivência. Tendo como referência o entendimento de que “[...] o trabalho científico é antes de tudo precedido por uma ação intuitiva e sintética antes de se desenvolver em termos analíticos” (GOROVITZ, 1993, p. 13), e buscando despertar a percepção dos estudantes para tal vivência, é que se procura estudar a história da cidade e do seu patrimônio no lugar onde ela se desenrola, isto é, no próprio espaço físico da cidade, contrapondo-a com as várias realidades do presente, reveladas ao olhar dos jovens estudantes ao caminharem por entre as estruturas que constituem os suportes da memória urbana.

Cabe aqui estabelecer um parêntesis para esclarecer o conceito de percepção adotado dentro deste trabalho. Coimbra analisa a etimologia da palavra percepção e conclui que “[...] perceber um fato, um fenômeno ou uma realidade, significa captá-los bem, dar-se conta deles com alguma profundidade, não apenas superficialmente”. O autor cita ainda que a percepção é o primeiro passo no processo de conhecimento, dela dependendo tanto aspectos teóricos como aplicações práticas (COIMBRA, 2004, p. 539). Ainda que o autor alerte para os riscos decorrentes de uma percepção falha eclodir em conclusões falsas e equivocadas, a exploração dos níveis de percepção não apenas estimula a criatividade e a compreensão da realidade por parte dos estudantes, como rompe com os processos de ensino restritos ao isolamento da sala de aula.

As formas de apropriação deixam marcas sobre o espaço da cidade, e juntos conformam o arcabouço da memória de seu povo. São justamente estas marcas, sejam elas físicas – edifícios, praças, pontes – ou imateriais – procissões, festas, canções jogos e brincadeiras expressos no espaço público – que representam seu patrimônio. Quando os alunos, através de seus estudos, se aproximam das várias representações das realidades vivenciadas e desenhadas na paisagem da cidade que habitam, acaba se lhes revelando não apenas as transformações da vida urbana, mas também das sensibilidades, dos desejos e das utopias do passado, os quais ajudaram a construir, a desenhar o presente. Essa é uma forma de aprendizado vivencial, na qual as experiências de vida e concepções prévias dos estudantes são confrontadas com as realidades experimentadas pela sociedade nos vários espaços da cidade. Essa confrontação auxilia os jovens na reconstrução de suas próprias concepções e visões do conhecimento da realidade em que vivem. Adentra-se, portanto, no campo do construtivismo no processo de aprendizagem.

A opção por tal forma de experiência de aprendizagem encontra respaldo na afirmação de que “[...] normalmente reconstruímos conhecimento, porque partimos do que já conhecemos, aprendemos do que já está disponível na cultura; a construção do conhecimento também pode ocorrer, mas é um passo de originalidade acentuada, dificilmente aplicável ao dia-a-dia” (DEMO *et al.*, 2001, p. 8). Tal afirmação vem ao encontro do pensamento de Piaget (1976), para quem não existem estruturas inatas, e sim considera que toda estrutura pressupõe uma construção. Segundo o construtivismo piagetiano, não existe um conhecimento pré-formado, inato, nem o conhecimento é fruto exclusivo da acumulação de experiências (COUTINHO & MOREIRA, 1992). Ou seja, para esses autores, o processo de conhecimento está imerso num contexto de interação entre sujeito e objeto. É o que sustenta o psicólogo organizacional David Ausubel, formulador da teoria da aprendizagem significativa, citado por Vila & Santander (2003, p. 21): “[...] a aprendizagem ocorre quando a nova informação adquirida ‘ancora-se’ em conceitos relevantes previamente existentes na estrutura cognitiva do aluno”.

Conceitos esses que podem estar ancorados também no desenho com o qual a cidade se nos revela aos olhos.

Desenho – cuja origem etimológica significa “desejo”, “intenção” – que propôs a construção da cidade de hoje a partir da imaginação de todas as gerações que nela viveram e ainda vivem, e da qual os jovens estudantes, como moradores desta urbe, também fazem parte. Na medida em que os alunos alcançam essa constatação, acabam por visualizar os valores do patrimônio cultural arquitetônico e urbano que muitas vezes passava despercebido de seus olhos – e muitas vezes também dos olhos da população moradora. Tal constatação se faz importante no caso de Vitória e dos municípios que conformam sua região metropolitana, núcleo que passou e tem passado por sucessivas transformações em sua estrutura, as quais comprometeram o tecido urbano e a arquitetura produzidos nos períodos precedentes. Assim, aos estudantes é possível compreender a história da cidade e de sua população como inserida num amplo e complexo processo de produção, comunicação e recepção de todos os fatos e significados pertinentes à vida humana. Enfim, num processo de semantização do seu próprio cotidiano enquanto estudante de arquitetura. Tal constatação traz uma nova perspectiva para o estudo do patrimônio histórico edificado, na qual os estudantes passam a apreender a própria cidade através das idéias e imagens concretizadas no espaço construído e que historicamente expressaram o imaginário das pessoas e comunidades que ali viveram, compreendendo-as como parte constituinte da realidade contemporânea. Passam a encarar o espaço urbano não apenas como objeto físico, mas ao mesmo tempo como registro e agente histórico. A cidade se transforma em narrativa histórica, expressando aquilo que, em conjunto, conferiu e confere aos lugares um sentido e uma função (os quais são recriados ao longo dos tempos), permitindo que os alunos adentrem na consciência de cada época vivenciada, percebendo as várias formas de manifestação cultural que se concretizam neste espaço.

Sem dúvida, a partir do momento em que se aceita a cidade como narrativa histórica, essa, como objeto de estudo, assume um grau de complexidade que contraditoriamente poderia levar, em primeira instância, a uma dificuldade para sua leitura e percepção. No entanto, trata-se apenas de uma impressão de dificuldade, a qual ocorre porque estamos desarmados perante tamanha complexidade e nossa educação nos ensinou a separar e isolar as coisas (MORIN, 2002). O autor afirma que “separamos os objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras. Mas, como a realidade é feita de laços e interações, nosso conhecimento é incapaz de perceber o *complexus* – o tecido que junta o todo” (MORIN, 2002, p. 11). A intenção da metodologia proposta para a disciplina Técnicas Retrospectivas é justamente vencer essa “compartimentação” estanque de conteúdos, ou seja, encarar a cidade, em sua realidade histórica, como um objeto complexo que une presente e passado, desejos e realidades, fatos e intentos, os quais unem-se na construção da cidade que hoje habitam os alunos, e da qual esses se aproximam, conhecem e se reconhecem ao desenvolverem seus estudos.

É assim que, dentro da metodologia da disciplina estabelecida, os alunos são orientados a definir um bairro ou setor como objeto de trabalho, o qual será o campo de aplicação conceitual onde a busca por elementos de valor patrimonial incentiva a percepção das particularidades culturais de áreas distintas de uma mesma cidade – no caso, a Grande Vitória. Trabalhando-se paralelamente teoria e prática, em sala de aula desenvolve-se a fundamentação teórica do campo da preservação em nível internacional, nacional e local, como objetivado previamente na ementa da disciplina. Também é estimulada a interação com o campo da memória, através de atividades lúdicas e poéticas nas quais os alunos expressam suas memórias afetivas, identificando valores pessoais materiais e imateriais, e relacionando-os espacialmente com a cidade em que vivem.

A introdução de uma abordagem de aprendizagem lúdica encontra respaldo na consideração que sentimentos de confiança, bom humor e espontaneidade podem surgir num

ambiente lúdico (VILA & SANTANDER, 2003). A criação desse ambiente em sala de aula traz benefícios tanto aos estudantes como para o professor. Aos primeiros possibilita tanto o desenvolvimento de suas faculdades intelectivas como lhes permite estabelecer relações com seu meio, seu contexto e sua vida, ampliando sua percepção crítica e criativa em relação ao meio em que vivem. Já para o professor, abre campo para observação e acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, que passam a participar do próprio processo de avaliação (ALMEIDA, 2000). Assim, através das atividades lúdicas, que aproximam o objeto de estudo da realidade vivencial dos alunos, esses se sentem mais cativados pelo objeto de estudo. Por meio do ludismo, um problema passa a ser encarado “[...] não mais como algo que inspira receio, aversão, levando ao afastamento ou à busca de auxílio externo para resolvê-lo, mas configura-se como algo atraente e estimulante, despertando a atenção e o raciocínio [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 9). Entre tais atividades lúdicas, a principal consiste em preparar uma espécie de “exposição” que conte a história de vida dos próprios alunos, através de objetos, imagens, músicas, bilhetes, guardados; enfim, tudo aquilo que confira o seu patrimônio afetivo, estimulando-os a correlacionarem-no com os espaços vivenciados ao longo de sua trajetória. Apelidada de “Desfragmentador de Memória”, tal atividade geralmente é carregada de emoção, tanto por parte daqueles que expõem as “frações” de sua história de vida, expressas criativamente através dos tais fragmentos apresentados em sala, como por parte daqueles que se fazem espectadores que, ávidos de curiosidade, acabam se tornando co-participantes destas memórias individuais, ao acompanharem a colagem de cada um dos fragmentos na construção de um objeto único, que é a própria trajetória do seu companheiro de classe, da qual também fazem parte enquanto amigos e colegas de curso. Essa atividade tem o objetivo de envolver emocionalmente o grupo, preparando-o para a atividade prática que se desenvolverá em paralelo.

Da mesma forma que, em classe, visualizaram que objetos tantas vezes tão comuns possuem significado especial para pessoas diferentes – e com isso constituem o patrimônio que dá suporte à identidade individual do outro – os alunos passam a enxergar a própria cidade que os cerca com um outro olhar, no qual notam que também existem fragmentos de memórias presentes no espaço urbano, que muitas vezes lhes era despercebido, e que se constituem nos suportes da memória coletiva da qual também fazem parte, diretamente, como moradores, ou indiretamente, no papel de investigadores.

Como atividade prática, coloca-se os estudantes no centro de uma “situação-problema” (ou situação de aprendizagem). Isto é, os alunos são incitados a escolher como objeto para seus estudos bairros ou setores espaciais da Região Metropolitana de Vitória – previamente selecionados pelos docentes – que expressem uma imagiabilidade particular e uma noção de lugar singular no contexto de sua aglomeração urbana. São espaços que assumiram, ao longo das épocas, funções específicas na vivência da cidade, lidos e apropriados de maneira diferenciada pelos habitantes a partir de seus aspectos simbólicos e funcionais. As particularidades de seu sítio, bem como os condicionantes econômicos, sociais, políticos, tecnológicos e simbólicos pertinentes a sua origem e evolução, definiram-lhes uma morfologia particular que dota tais regiões de individualidade, pelo menos no que se refere a sua conformação histórica e à percepção de seu espaço. Os bairros escolhidos variam a cada semestre, e vão desde espaços que tiveram origem ainda com a colonização no século XVI e que guardam traços das edificações, traçado e tradições centenárias; passando por áreas que representam as várias épocas de expansão da cidade, das suas transformações de modernização. São bairros que, com seus espaços e arquiteturas representativos de cada época, abrigam práticas culturais constantemente reconstruídas ao longo dos anos.

Cabe novamente abrir um parêntesis: a adoção de uma pedagogia da situação-problema como recurso de aprendizagem encontra respaldo em Perrenoud *et al.* (2002), os quais citam que somente uma boa situação-problema é capaz de fazer o alunado mobilizar os recursos

necessários naquela circunstância. Em outro momento, Perrenoud (1999) fala da dificuldade dos professores em criar situações-problema a partir de uma epistemologia disciplinar. Isso ocorre, segundo o autor, porque por vezes os docentes resistem em buscar alternativas para uma tradição pedagógica que os leva a reduzir o processo de aprendizagem à exposição autônoma de conteúdos e à implementação de exercícios de compreensão ou de memorização de conhecimentos previamente ensinados. Conclui citando que “[...] a tarefa dos professores não é, portanto, a de improvisar aulas. Ela lida com a regulação do processo e, freqüentemente, com a construção de problemas de complexidade crescente. Aí está o maior investimento: vê-se claramente que tal prática remete para outra epistemologia e para outra representação da construção dos conhecimentos na mente humana” (PERRENOUD, 1999, p. 54).

É na busca dessa outra forma de construção do conhecimento, que parte da exploração da própria experiência vivencial e participativa dos alunos, que a turma matriculada na disciplina Técnicas Retrospectivas I é dividida em equipes, onde cada uma é responsável pelo estudo sobre um dos bairros/setores pré-selecionados. Os estudantes mergulham na vivência do bairro/setor escolhido, (re)conhecendo sua história e as manifestações culturais, percebendo as várias formas do seu espaço, correlacionando-as com os fatos urbanos ali ocorridos. Ou seja, identificam as várias expressões da memória coletiva, os valores materiais e imateriais presentes nestes bairros através do seu patrimônio físico e espiritual, reconhecendo tais valores como pertencentes não apenas às comunidades que ali habitam mas, numa esfera maior, a eles próprios como habitantes da mesma cidade, fortalecendo a relação de identidade aluno-bairro. O objetivo final do trabalho, portanto, constitui em identificar os valores patrimoniais materiais e imateriais pertencentes a cada bairro e comunidade em questão a partir da leitura de sua morfologia, do conhecimento de seus espaços, construções, traçado; das várias formas de apropriação que ali se dão por parte das comunidades locais. Parte-se da percepção de que a paisagem urbana é historicamente construída, e assim, os estudantes propõem-se a esboçar um perfil desta história resgatando as marcas e lógicas de sua manifestação, ainda espacialmente presentes; buscando apoio para tais percepções na pesquisa bibliográfica, iconográfica e relatos dos moradores e usuários daqueles espaços. Essa leitura é operada através da comparação e confrontação dos espaços; a partir da justaposição de imagens, relatos, informações documentais, acontecimentos, personagens. São estas comparações que revelam as várias histórias e marcos identitários físicos e visuais, e por isso mesmo se faz importante o conhecimento da formação socioeconômica e das práticas sociais obtidas através da pesquisa bibliográfica.

Os valores patrimoniais identificados pelas equipes nestes bairros constituem-se tanto em marcos físicos como visuais – edifícios, monumentos, traçado, paisagem natural, costumes, manifestações, festas – que individualizam ou aproximam um bairro do outro, expressando visualmente as sociabilidades de sua população e os sentidos atribuídos pelos alunos a esse patrimônio cultural, para o qual identificam a importância da preservação, e sobre o qual se propõem atuar. Na identificação deste patrimônio, os estudantes são estimulados a atribuir valores, seja a partir de seu entendimento particular, fruto do conteúdo teórico desenvolvido ao longo do curso, seja a partir das informações coletadas e percepções dos moradores e usuários destes espaços. Para tanto, utiliza-se a escala de valores definida pelo Instituto Colombiano de Cultura dentro do processo de pré-inventário urbano e arquitetônico. Com base nesta escala, são identificados os bens culturais materiais (edifícios, espaços construídos) e imateriais (festas, costumes, tradições, práticas culturais) conformadores da história e identidade de cada objeto de estudo, correlacionando-se os mais variados e concomitantes valores. São esses o Valor de Antigüidade, derivado do simples passar dos anos e das circunstâncias; o Valor Histórico, dado pelo fato do bem ser testemunho dos acontecimentos de uma época e de um lugar; o Valor de Autenticidade, quando o bem corresponde à

expressão formal que caracteriza uma época, tendo em conta o contexto, o modo de vida e a cultura daquele bairro/setor; o Valor Tecnológico, o qual se manifesta nos sistemas construtivos ou elementos representativos dos avanços tecnológicos de uma época; o Valor Arquitetônico, presente quando um imóvel manifesta com clareza o caráter com que foi concebido, correspondendo a forma com a função e tendo em conta que o repertório formal, espacialidade, materiais e formas construtivas não tenham sido alterados ao ponto de desvirtuar seu significado e leitura; o Valor Associativo e testemunhal, baseado nos acontecimentos importantes sucedidos num imóvel ou setor/conjunto, que marcam uma época; por fim o Valor Urbano, manifestado quando constitui um marco físico, presente num traçado urbano, numa forma de lotear, numa volumetria, ou quando constitui um marco sociocultural, tal como os usos, hábitos, tradições e costumes (INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA, 1990).

Como já foi discutido, ao estudar a história desses bairros e comunidades identificando os vários suportes materiais e imateriais ainda presentes espacialmente na sua memória, os estudantes compreendem que a paisagem urbana é historicamente construída e continuamente reformulada pela experiência cultural, a partir de sua constante vivência. Marcos culturais hoje ocultos ao olhar distraído da população, ou expressões culturais aparentemente adormecidas podem ser revalorizadas, bastando para tal um pequeno estímulo para esse despertar, para o fortalecimento da relação identitária coletiva. É assim que, com o fim de difundir tal relação de identidade para além das fronteiras acadêmicas, contribuindo para a construção de uma cidadania consciente que é o papel da Universidade, a proposta final da disciplina Técnicas Retrospectivas I resulta em produtos de comunicação elaborados pelos próprios alunos, que visam justamente difundir o conhecimento da história, da cultura, do patrimônio destes bairros aos seus moradores. A partir da iniciativa dos estudantes, surgiram documentários, roteiros históricos recriados a partir de *folders*, cartilhas, *cartoons*, *homepage* e até um *fatolog* (Figuras 1 a 4).



Figura 1 – Flagrante da gravação de reportagem sobre a formação da cidade de Guarapari, originalmente fundado por missionários jesuítas no século XVI, durante visita da turma de Técnicas Retrospectivas realizada em 2006.



Figura 2 – Jogo educativo infantil sobre a Prainha em Vila Velha, núcleo original de ocupação da Capitania do Espírito Santo, fundada em 1535. Autoria dos alunos Anny Caroline Koldal, Bruna Bragatto e Wilson Barbosa (2006).



Figura 3 – Cartilha educativa infantil sobre a Cidade Alta, núcleo histórico da capital Vitória, fundada oficialmente em 1551. Autoria das alunas Ana Maria Bermudes, Danielly Torezani, Marize Costa, Sorency Gomes (2005).

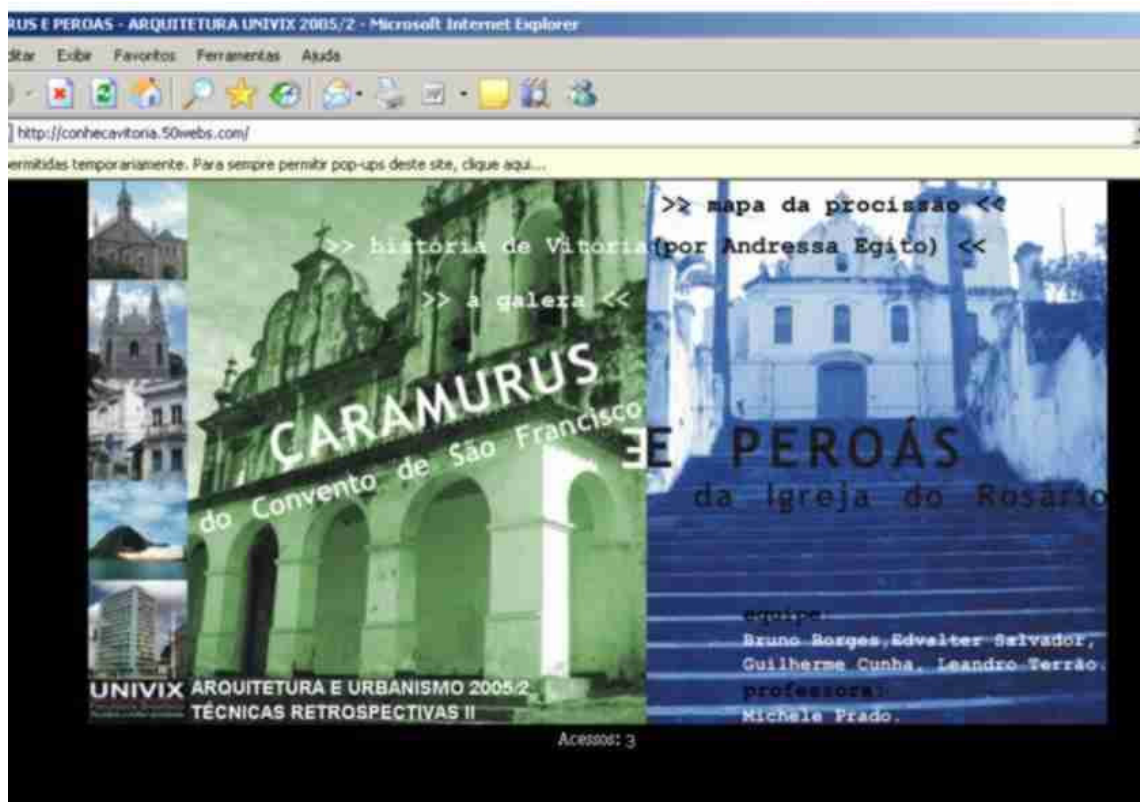


Figura 4 – *Homepage* de trabalho sobre a história conflituosa de duas das mais importantes irmandades religiosas de Vitória do século XVIII. Autoria dos alunos Bruno Borges, Edvalter Salvador, Guilherme Guignone e Leandro Terrão (2005).

A aplicação prática dos conhecimentos apreendidos mediante a concepção de um material informativo, ao mesmo tempo em que sedimenta o aprendizado, incentiva a criatividade das várias equipes, por verem a possibilidade de transfigurar o trabalho acadêmico e investigativo em um objeto prático, eivado de função social: justamente levar às comunidades estudadas o conhecimento de seus próprios valores, de sua cultura, de sua riqueza imaterial. A percepção dos valores ligados à produção sócio-cultural de uma comunidade fortalece a consciência dos estudantes acerca da importância da preservação da identidade e memória locais. Além disso, se constitui num ato de cidadania, na medida em que o produto pode ser impresso e distribuído para a população, ser acessado sem barreiras através da *internet*, ser assistido nas escolas e centros comunitários. Esse recurso acabou promovendo a aproximação do alunato com a comunidade, bem como fomentando a atuação do indivíduo-arquiteto no processo de identificação, valorização e preservação destes bens.

O processo de aprendizagem proposto pressupõe a continuidade metodológica no período subsequente, através da disciplina Técnicas Retrospectivas II, tendo como proposta fomentar a consciência histórica como eixo diretor do profissional de arquitetura. A disciplina tem como objetivo apresentar aos alunos metodologias de intervenção, conservação e restauração de bens imóveis e em espaços pré-existentes. Os estudantes devem desenvolver um projeto de intervenção em espaço arquitetônico ou urbano a partir da realização do cadastro de um bem imóvel, composto pelo levantamento histórico, iconográfico, arquitetônico, tipológico do bem, bem como pelo diagnóstico do estado de conservação. Tais levantamentos têm o fim de embasar uma proposta em nível de estudo preliminar apoiada nos conhecimentos teóricos, do objeto de trabalho e sua relação com o entorno, bem como das suas relações sociais, econômicas e políticas pertinentes.

Com o intuito de propiciar a continuidade no processo de aprendizagem, os grupos de alunos são estimulados a identificar um objeto de estudo nos limites do bairro já trabalhado na disciplina Técnicas Retrospectivas I. Os bairros são revisitados, visando a identificação de um imóvel considerado pelos estudantes como de interesse de preservação, pressupondo a percepção da inter-relação entre as esferas micro e macro – o objeto arquitetônico e o bairro/comunidade que o abriga. O interesse dos alunos é então instigado mediante sua aproximação com o imóvel e o reconhecimento de sua trajetória no tempo da própria cidade, favorecendo o processo projetual de intervenção a ser desenvolvido. De posse dos conhecimentos apreendidos no semestre anterior, e já familiarizados com as noções básicas de valores patrimoniais e memoriais aplicados a determinado trecho do tecido urbano, a retomada do bairro permite a reaplicação de conceitos sob uma ótica forçosamente minimizada, particularizada, focado no imóvel selecionado. Este foco, porém, não se desprende do entorno. Ao contrário, fortalece a inter-relação entre as partes no reatamento com a trajetória do bairro então já re-conhecida.

As mais diferentes obras foram selecionadas pelos próprios alunos: edificações já tuteladas oficialmente pelos órgãos públicos como Igrejas e sobrados coloniais, estação de trem; ou sem proteção oficial, como antigas residências e tradicional mercado de secos e molhados. Algumas das edificações mantiveram sua função ao longo dos anos, o que em algumas vezes contribuiu para sua permanência, e em outras trouxe danos prejudiciais para sua unidade como objeto a ser preservado. Em determinadas situações as edificações encontravam-se completamente abandonadas, por vezes quase arruinadas, ocultas de olhares menos atentos.

Consideradas as dificuldades na obtenção de dados específicos sobre os imóveis objetos de estudo, os alunos são instigados a diversificar as fontes de pesquisa. A memória oral é valorizada, dada a imprescindível contribuição de proprietários e antigos moradores na reconstrução da trajetória histórica da edificação. A consulta a órgãos públicos - seja em busca de acervos fotográficos, impressos, gráficos, literários ou outros – estimula o contato com as diversas fontes de produção e sistematização do conhecimento existentes para muito além das pesquisas na biblioteca da faculdade ou daquelas realizadas pela busca na *Internet*, hoje tão comumente usada entre os alunos.

Os esforços empreendidos na documentação interna do imóvel é também exemplo da dedicação de cada grupo, especialmente naqueles casos em que o imóvel de propriedade particular exige criatividade e empenho para negociar a autorização ao acesso e documentação das patologias no interior do imóvel.

As propostas resultantes também foram as mais variadas, sempre pautadas nas recomendações dos documentos internacionais de preservação, indo desde a pura consolidação e conservação, passando pela restauração e reabilitação para novos usos. Para estabelecer a escala, postura e profundidade das intervenções de conservação/restauração, os alunos trabalharam com a teoria construída pelo austríaco Alöis Riegl, a partir da identificação dos valores históricos e artísticos do monumento. Um conceito foi unânime entre todos os grupos: o de que apenas o uso contínuo – mas responsável e respeitoso – pode garantir a preservação do bem e a sua adequada valorização como patrimônio da sociedade (Figuras 5 a 7).

Mais uma vez visando difundir a prática estudantil para além das fronteiras acadêmicas, divulgando o conhecimento através de um meio de ampla acessibilidade, as propostas de intervenção foram formatadas em uma página a ser inserida no *site* da UNIVIX, de forma breve, tratando não só da identificação do imóvel, sua história, análise tipológica, estado de conservação encontrado; mas também apresentando a proposta de recuperação, nas quais é visível a diversidade de posturas dos trabalhos resultantes das experiências. Essa é mais uma

forma de valorizar a produção acadêmica e ao mesmo tempo propiciar à comunidade em geral o acesso ao conhecimento dos bens de valor patrimonial integrantes da cidade.



Figura 5 – Proposta de requalificação da Casa da Memória da Prainha em Vila Velha, com inserção de edifício anexo. Autoria dos alunos Brunella Gama, Mario Fernando Nunes, Paulomarcos da Guia e Rayana de Deus (2006)

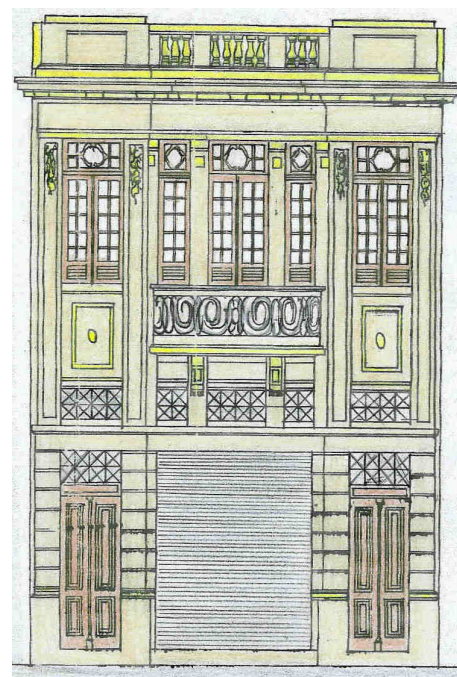


Figura 6 e 7 – Proposta de restauração de edificação do Parque Moscoso, Vitória. Autoria das alunas Adriane Chiappani, Ana Marsiglia, Ângela Sandri, Marília Celin e Zayra Paste (2006)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que se tenha tratado de uma experiência acadêmica, portanto no campo teórico, cabe dizer que a cidade traz em si mesma uma série de significados que permitem orientar ações e empreendimentos dos agentes de produção do espaço urbano. Assim sendo, qualquer tipo de intervenção não deve deixar de abordar suas preexistências, diante da possibilidade de exercer influências – sejam elas negativas ou positivas – sobre imagens e objetos que são estruturadores da história e da memória urbanas. Nesse sentido, o estudo das transformações na paisagem construída de um lugar, bem como a identificação de seus valores e bens culturais, ganha importância, não só pelo entendimento de sua história e preservação de sua memória, mas também como subsídio para criação de instrumentos que balizem possíveis propostas efetivas para essas áreas, seja pelos agentes públicos, seja pelos agentes privados.

No que se refere às contribuições da experiência metodológica aqui relatada, destaca-se a possibilidade de adotar estratégias não convencionais de ensino, independente da maior ou menor flexibilidade dos currículos. Ainda que o campo de ensino da preservação se aproxime mais das ciências humanas e sociais que das ciências exatas, campo da engenharia, a metodologia da disciplina Técnicas Retrospectivas aponta para a importância de confrontar os alunos com a realidade da sociedade, estimulando-o a interagir e vivenciar o processo de aprendizagem além da sala de aula, estabelecendo relações com seu meio, seu contexto e sua vida.

É fato que não existem fórmulas exatas para se transformar o processo de ensino-aprendizagem, sendo condenável a adoção de projetos dotados de mudanças muito radicais (MACEDO *et al.*, 2000). Os autores propõem uma ruptura com o discurso estático, sugerindo atuações mais criativas e responsáveis, capazes de descobrir formas mais interessantes de lidar com a realidade. Citam ainda que, se o currículo é predeterminado, como no caso da Arquitetura e das Engenharias, deve-se buscar meios que estimulem os alunos a vivenciar situações que tratam de conteúdos essenciais à aprendizagem. Essa é uma avaliação positiva experimentada na metodologia aqui apresentada: o reconhecimento, da parte dos próprios alunos, de que seus olhares foram despertados para uma outra cidade que permanecia subjacente ao seu conhecimento, mas que puderam ultrapassar os limites de sua própria consciência quando adequadamente estimulados de uma forma tão lúdica e prazerosa, e ao mesmo tempo tão próxima de seu cotidiano.

Perrenoud (2000, p.65) defende que as instituições de ensino devem ser responsáveis pela criação de situações reais de aprendizagem:

Para transferir, é necessário unir saber e experiência [...]. Para exercitar a transferência, o ideal seria reconstruir, [...] situações próximas daquelas do mundo do trabalho, da vida fora da escola, [...]. Essas situações [...] não são criadas e controladas pela escola, o que faz toda a diferença. A vida pertence a todo mundo e, sobretudo, no âmbito de um contrato didático que dose a dificuldade. Na vida, uma vez fora da escola, os indivíduos levam a complexidade do real 'em pleno rosto', são malabaristas sem rede[...] (PERRENOUD, 2000, p.65)

Por fim, alude-se às palavras de Le Boterf, o qual cita um relatório transmitido a partir da lei de orientação do sistema educacional francês de julho de 1998. O autor preconiza claramente que a profissionalização do professor não se define mais em relação a uma simples difusão do conhecimento, mas por meio da administração de situações complexas de aprendizagem: “[...] o professor deve tornar-se um profissional capaz de refletir sobre suas práticas, de resolver problemas, de escolher e de elaborar estratégias pedagógicas” (LE BOTERF, 2003, p. 42). Nesse processo de reflexão, o aprendizado vivencial é uma estratégia que pode ser amplamente abordada nos cursos superiores, quer seja de arquitetura ou de engenharia. Ou seja, assim como experimentado no campo da preservação dos bens patrimoniais, é possível e viável apresentar aos alunos de engenharia os diversos tipos de construção e soluções técnicas passeando pela cidade, pois, afinal de contas, esses também

contribuem para a construção do espaço em que vivem. Enfim, reviver o passado e reconhecer-se no presente é também uma forma de lidar com a possibilidade de sua transformação.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COIMBRA, J. A. Linguagem e Percepção Ambiental. In: PHILIPPI A.; ROMÉRO M. A.; BRUNA G. C. (Org.). **Curso de Gestão Ambiental**. Barueri: Manole, 2004. p. 525-571.

COUTINHO, M. T. C.; MOREIRA, M. **Psicologia da educação**: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1992.

DEMO, P.; DE LA TAILLE, Y.; HOFFMANN, J. **Grandes pensadores em educação**: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2001.

GOROVITZ, M.. **Os riscos do projeto**. Contribuição à análise do juízo estético na arquitetura. São Paulo, Brasília: Studio Nobel, EDUNB, 1993.

INSTITUTO Colombiano de Cultura. **Manual de preinventario urbano y arquitectónico**. Colômbia: Colcultura, 1990.

LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C.. **Aprender com jogos e situações problema**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: UNESCO, 2002.

OLIVEIRA, V. B. **Jogos de regras e a resolução de problemas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERRENOUD, P. *et al.* **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VILA, M.; SANTANDER, M. **Jogos cooperativos no processo de aprendizagem acelerada**. Rio de Janeiro: Qualimark, 2003.

CULTURAL PATRIMONY: AN METHODOLOGIC EXPERIENCE OF IN-PLACE LEARNING

Abstract: *The inclusion of the discipline "Historical Patrimony" in the curriculum of the course of Architecture, in the 80s reflects the increasing concern of the society towards estruction of the memorial patrimony in Brazil. In the curriculum of the Univix, the discipline related to the cultural patrimony is approached in two subsequent periods: in the first the student has contact with general concepts of the preservation of the cultural patrimony and its values; in the second the knowledge apprehended is consolidated by the elaboration of a project of intervention of an architectural object. In both periods was established a disciplinary methodology where the student closely interacts with the history of the city inhabiting the place where that methodology was deployed, conciliating the theory, practical and playful activities, fortifying the identity relation "student-city".*

Keywords: *In-place learning, Methodologic experiences, Preservation, Methodology of teaching.*